

Autora de *Um Caso Perdido*

COLLEEN HOOVER

N.º 1 do *New York Times*

———— Hope ————

UMA NOVA ESPERANÇA

romance

O amor sobrepõe-se à mais dura das verdades.



TOPSELLER

*Este livro é dedicado ao meu marido e aos meus filhos,
pelo seu apoio incondicional e generoso.*

O meu ritmo cardíaco diz-me para voltar as costas e ir-me embora. A Less já me disse várias vezes que não tenho nada a ver com o assunto. Mas a questão é que ela nunca foi um irmão. Não faz a mínima ideia de como é difícil ficar de braços cruzados e *não* interferir. É por isso que, neste momento, este sacana é a minha prioridade.

Enfio as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga e rezo para que as possa deixar lá. Estou de pé, atrás do sofá, a olhar para ele de cima. Não sei quanto tempo demorará a perceber que ali estou. Tendo em conta a forma como está a agarrar a miúda que tem escarrapachada em cima dele, duvido que seja rapidamente. Fico atrás dele durante alguns minutos enquanto a festa continua à nossa volta, toda a gente completamente a leste do facto de a tampa me estar prestes a saltar. Eu até sacava do telemóvel para ter provas, mas não posso fazer isso à Less. Ela não precisa de ver isto.

— Pá... — acabo por dizer, incapaz de me conter por mais tempo. Se tiver de o ver outra vez a apalpar as mamas a esta tipa sem qualquer tipo de respeito pela relação que tem com a Less, corto-lhe a porra da mão.

O Grayson lá descola a boca da dela e inclina a cabeça para trás, olhando para mim com um olhar desinteressado. Vê-se o medo a assentar quando se começa a fazer luz e ele finalmente se apercebe de que a última pessoa que esperava ver hoje à noite está ali.

— Holder — diz ele, empurrando a rapariga para o lado. Tenta levantar-se mas mal se consegue aguentar em pé. Olha para mim suplicante, apontando para a rapariga que agora compõe a saia quase inexistente. — Isto... não é o que parece.

Tiro as mãos dos bolsos e cruzo os braços à frente do peito. O meu punho está agora mais perto dele e tenho de o apertar, antecipando como seria bom esmurrar-lhe a cara.

Olho para o chão e respiro fundo. E respiro fundo novamente. E depois novamente, já que estou mesmo a gostar de o ver contorcer-se. Abano a cabeça e ergo o olhar para ele.

— Dá-me o teu telefone.

Se eu não estivesse tão irritado, a confusão que se espalha pela cara dele seria cómica. Ri e tenta recuar um passo, mas embate na mesinha de café. Equilibra-se com uma mão contra o vidro e endireita-se.

— Arranja um telefone para ti — murmura. Não olha para mim enquanto anda nas suas manobras em volta da mesinha de café. Dou a volta ao sofá calmamente e interceto-o, estendendo-lhe a mão.

— Dá-me o teu telefone, Grayson. *Já.*

Não estou em vantagem em termos de tamanho, pois temos mais ou menos a mesma constituição. Contudo, estou claramente em vantagem se tivermos em consideração a minha fúria. E o Grayson consegue ver isso perfeitamente. Recua um passo, o que talvez não seja muito inteligente se pensarmos que está a recuar para um canto da sala. Vasculha dentro do bolso e por fim acaba por tirar o telefone.

— Para que queres o meu telefone? — diz ele. Arranco-lho das mãos e marco o número da Less, sem, contudo, chegar a fazer a chamada. Devolvo-lho.

— Telefona-lhe. Diz-lhe o sacana que és e acaba com a relação.

O Grayson olha para o telefone e depois novamente para mim.

— Vai-te foder — grunhe.

Respiro fundo, estalo o pescoço e cerro o maxilar. Como aquilo não me acalma a ânsia de o pôr a sangrar, avanço, agarro-o pelo colarinho e empurro-o contra a parede, segurando-o, com o meu antebraço contra o pescoço dele. Forço-me a lembrar-me de que se lhe der um arraial de porrada antes de fazer a chamada, a minha calma dos últimos dez minutos terá sido em vão.

Tenho os dentes cerrados, o maxilar tenso e o sangue lateja-me nas têmporas. Nunca odiei tanto alguém como neste momento. A intensidade daquilo que gostaria de lhe fazer agora até *a mim próprio* me assusta.

Olho-o fixamente nos olhos e conto-lhe como serão os próximos minutos.

— Grayson... — digo-lhe entredentes. — Se não quiseses que te faça aquilo que estou a pensar fazer-te neste momento, é melhor que pegues no telefone, ligue à minha irmã e acabes tudo. Depois vais desligar o telefone e nunca mais voltas a falar com ela.

O meu braço esmaga-lhe o pescoço com mais força, e noto com satisfação que a cara dele está agora mais vermelha do que a camisa, devido à falta de oxigénio.

— Está bem — diz ele, tentando escapar à pressão. Espero que ele olhe para baixo para o telefone e faça a chamada antes de eu retirar o braço e lhe largar a camisa. Põe o telefone junto ao ouvido sem parar de olhar para mim, enquanto estamos ambos parados e esperamos que a Less atenda.

Sei o que isto lhe fará, mas ela não tem noção do que ele faz sem ela saber. Por mais que ela ouvisse outras pessoas a dizê-lo, ele conseguia sempre que ela o aceitasse de volta na sua vida.

Mas desta vez não. Não se eu o puder evitar. Recuso-me a ficar de braços cruzados a vê-lo fazer isto à minha irmã.

— Olá — diz ao telefone. Tenta voltar-me as costas para falar com ela, mas volto a empurrá-lo contra a parede. Ele encolhe-se.

— Não, querida — diz ele nervoso. — Estou em casa do Jaxon. Faz uma longa pausa enquanto a ouve falar.

— Eu sei que foi isso que te disse, mas menti. É por isso que te estou a ligar. Less, eu... Eu acho que preciso de algum espaço.

Abano a cabeça, para que fique a saber que tem de fazer com que seja uma rutura total. Não quero que lhe dê espaço. Quero que dê à minha irmã liberdade absoluta.

Ele revira os olhos e levanta o dedo médio com a mão que tem livre.

— Estou a acabar contigo — diz perentoriamente. Deixa que ela fale enquanto fica em silêncio. O facto de não mostrar qualquer remorso prova como é insensível. As minhas mãos tremem e o meu peito aperta-se, sabendo exatamente o que isto está a fazer

à Less neste momento. Detesto-me por estar a forçar este desfecho, mas a Less merece melhor do que isto, mesmo que ache que não.

— Vou desligar — diz ele ao telefone.

Empurro-lhe a cabeça contra a parede e faço com que olhe para mim.

— Pede-lhe desculpa — digo baixinho, para que ela não me ouça. Ele fecha os olhos, suspira e depois baixa a cabeça.

— Desculpa, Lesslie. Eu não queria fazer isto. — Afasta o telefone do ouvido e termina a chamada de forma abrupta. — Espero que estejas satisfeito — diz ele, olhando para mim. — Porque acabas de partir o coração à tua irmã.

É a última coisa que me diz. Ainda não tocou no chão e já lhe enfiei dois socos nos queixos. Abano a mão, afasto-me dele e saio. Ainda não cheguei ao carro e já tenho o telefone a tocar no bolso das calças. Tiro-o do bolso e nem sequer olho para o ecrã antes de atender.

— Olá — digo eu, tentando controlar a raiva na voz quando a oiço a chorar do outro lado. — Estou a caminho, Less. Vai ficar tudo bem, já vou a caminho.

Já passou um dia desde que o Grayson ligou mas ainda me sinto culpado, por isso acrescento mais três quilómetros à minha corrida noturna para me autoflagelar. Não estava à espera de ver a Less tão destroçada como estava a noite passada. Apercebo-me agora de que obrigá-lo a ligar-lhe não foi provavelmente a melhor forma de lidar com as coisas, mas era incapaz de ficar de braços cruzados a vê-lo tratá-la daquela forma.

A coisa mais inesperada acerca da reação da Less foi que a frustração dela não recaía apenas sobre o Grayson. Era como se estivesse chateada com todos os homens do mundo. Referia-se constantemente aos homens como «sacanas doentios», andando para a frente e para trás enquanto eu me limitava a estar ali sentado a vê-la deitar tudo cá para fora. Ela acabou por ceder, rastejou para a cama e chorou até adormecer. Eu fiquei acordado, sabendo que parte daquele sofrimento era da minha responsabilidade. Passei a noite no quarto dela, em parte para me assegurar de que estava bem, mas principalmente porque não queria que pegasse no telefone para ligar ao Grayson num momento de fraqueza.

Mas ela é mais forte do que eu pensava. Não lhe tentou ligar ontem à noite e hoje também não. Não dormiu grande coisa a noite passada, por isso foi para o quarto antes de almoço para dormir uma sesta. Contudo, tenho passado à porta do quarto dela durante todo o dia só para me certificar de que não a ouvia ao telefone, por isso sei que não lhe tentou ligar. Pelo menos enquanto estive em casa. Na verdade, tenho quase a certeza de que o telefonema cruel que ele lhe fez a noite passada era exatamente o que ela precisava para finalmente o ver como ele realmente é.

Deixo os sapatos à porta e vou até à cozinha para me reabastecer de água. É sábado à noite e normalmente estaria agora a preparar-me para ir ter com o Daniel, mas já lhe enviei uma mensagem a avisar de que hoje fico por casa. A Less obrigou-me a prometer que ficava com ela em casa porque ainda não queria sair e arriscar dar de caras com o Grayson. Ela tem sorte de eu ser um tipo porreiro, porque não conheço muitos rapazes de dezasseite anos que abdicassem da noite de sábado para ver filmes foleiros de gajas com a irmã de coração partido. Mas, por outro lado, a maior parte dos irmãos não tem a relação que nós temos. Não sei se a nossa relação próxima tem algo que ver com o facto de sermos gémeos. Ela é a minha única irmã, por isso não tenho nada com que nos comparar. Ela pode dizer que sou demasiado protetor em relação a ela, e até pode ter razão, mas não tenho intenção de mudar a minha atitude tão cedo. Ou melhor, nunca.

Corro escadas acima, tiro a camisa e abro a porta da casa de banho. Abro a torneira e depois atravesso o *hall* de entrada e bato-lhe à porta.

— Vou tomar um duche rápido, importas-te de encomendar tu a pizza?

Encosto-me à porta e agacho-me para tirar as meias. Viro-me e atiro-as para a casa de banho e depois bato à porta outra vez.

— Less!

Ela não responde e eu suspiro e olho para o teto. Se está ao telefone com ele vou ficar chateado. Mas se estiver ao telefone com ele isso provavelmente quer dizer que ele lhe está a dizer que a rutura foi culpa minha e aí quem vai ficar chateada é *ela*. Limpo as palmas das mãos aos *boxers* e abro a porta do quarto dela, preparando-me

para outro sermão exaltado sobre como me deveria meter na minha própria vida.

Vejo a Less em cima da cama depois de entrar no quarto dela, e sou imediatamente transportado para quando eu era um rapazinho. Ao momento que me mudou. Que mudou tudo em mim. Tudo no mundo *em meu redor*. Todo o meu mundo passou de um lugar cheio de cores vibrantes a um cinzento monótono e sem vida. O céu, a erva, as árvores... todas as coisas que foram em tempos belas perderam a sua magnificência no momento em que me apercebi de que era responsável pelo desaparecimento da nossa melhor amiga, a Hope.

Nunca mais olhei para as pessoas da mesma maneira. Nunca mais olhei para a natureza da mesma maneira. Nunca mais olhei para o meu futuro da mesma maneira. Tudo deixou de ter significado, finalidade e uma razão, para passar a ser simplesmente uma versão de segunda categoria daquilo que a vida *deveria* ser. O meu mundo em tempos efervescente tornou-se, de repente, uma fotocópia imprecisa, cinzenta e acrómica.

Tal como os olhos da Less.

Não são os dela. Estão abertos. Estão a olhar-me diretamente da sua posição na cama.

Mas não são os dela.

Desapareceu a cor dos seus olhos. Esta rapariga é uma fotocópia cinzenta e sem cor da minha irmã.

Da minha Less.

Não consigo mexer-me. Espero que ela pestaneje, se ria, se divirta com a partida doentia que me está a pregar neste momento. Espero que o meu coração comece a bater outra vez, que os meus pulmões recomecem a trabalhar. Espero recuperar o controlo do meu corpo porque não sei quem tem o seu controlo neste momento. *Eu* é certo que o não tenho. Espero e volto a esperar e pergunto-me quanto tempo ela vai conseguir continuar com isto. Quanto tempo é que as pessoas conseguem manter os olhos abertos daquela maneira? Quanto tempo é que as pessoas conseguem não respirar sem que o seu corpo se agite à procura da respiração?

Quanto tempo antes de eu fazer alguma coisa para a *ajudar*?

As minhas mãos tocam na sua cara, apertam-lhe o braço, abanam-lhe todo o corpo até eu ficar com ela nos braços e a puxá-la

para o meu colo. O frasco de comprimidos vazio cai-lhe da mão e fica no chão mas recuso-me a olhar para ele. Os seus olhos continuam sem vida e ela já não olha para mim quando a cabeça que tenho entre as mãos cai para trás sempre que tento levantá-la.

Não dá qualquer sinal de vida quando grito o seu nome, e não estremece quando lhe bato na cara, e não reage quando começo a chorar.

Não faz absolutamente nada.

Nem sequer me diz que vai ficar tudo bem quando a última réstia do que quer que ainda havia no meu peito é obrigada a sair de dentro de mim, no momento em que me dou conta de que a melhor parte de mim está morta.

— **P**odes procurar a camisa cor-de-rosa dela e as calças plissadas pretas? — pede-me a minha mãe. Mantém os olhos presos na papelada dispersa à sua frente. O homem da agência funerária debruça-se sobre a mesa e aponta para um ponto no formulário.

— Só mais umas páginas, Beth — diz ele. A minha mãe assina os formulários de forma mecânica, sem fazer perguntas. Está a tentar aguentar-se até eles se irem embora, mas eu sei que assim que saírem pela porta da rua ela se irá abaixo novamente. Ainda só passaram quarenta e oito horas, mas eu sei só de olhar para ela que passará pela mesma experiência outra vez.

Seria de esperar que uma pessoa só morresse uma vez. Seria de esperar que só se encontraria o corpo sem vida da irmã uma vez. Seria de esperar que só teria de se ver a reação da nossa mãe uma vez depois de descobrir que a sua única filha está morta.

Uma vez está tão longe da realidade.

Acontece repetidamente.

Sempre que fecho os olhos, vejo os olhos da Less. Sempre que a minha mãe olha para mim, vê-me a dizer-lhe que a filha está morta pela segunda vez. Pela terceira vez. Pela milésima vez. Sempre que respiro, pestanejo ou falo, sinto a morte dela outra vez. Não estou sentado aqui a pensar se alguma vez vou interiorizar

o facto de ela estar morta. Estou aqui sentado a pensar quando é que vou deixar de ter de a ver morrer.

— Holder, precisam de roupa para ela — repete a minha mãe depois de perceber que não me mexi. — Vai ao quarto dela e traz a camisa cor-de-rosa com as mangas compridas. Era a sua preferida, ela haveria de a querer usar.

Ela sabe que eu não quero ir ao quarto da Less, tal como ela também não quer ir. Empurro a minha cadeira para longe da mesa e dirijo-me para o andar de cima.

— A Less está morta — murmuro para mim próprio. — Ela não se importa com o que vai vestir.

Hesito à porta do seu quarto, sabendo que vou ter de a ver morrer de cada vez que a abrir. Não venho aqui desde que a encontrei e, na realidade, não tinha intenção de voltar aqui *nunca mais*.

Entro e fecho a porta, depois vou para o seu guarda-fatos. Faço tudo para não pensar nisso.

Camisa cor-de-rosa.

Não penses nela.

Manga comprida.

Não penses no quanto te odeias neste momento por a desiludires.

Mas penso. Penso nisso e fico magoado e zangado outra vez. Pego num punhado de camisas penduradas e puxo-as dos cabides com toda a força que posso até que caem no fundo do guarda-fatos. Agarro-me ao friso da porta e fecho os olhos com força, ouvindo o som dos cabides agora vazios a baloiçarem-se para trás e para a frente. Tento concentrar-me no facto de estar aqui para levar duas coisas e ir embora, mas não consigo mexer-me. Não consigo deixar de ver o momento em que entrei neste quarto e a encontrei.

Deixo-me cair de joelhos no chão, olho para a cama dela e vejo-a morrer novamente.

Recosto-me contra a porta do guarda-fatos e fecho os olhos, ficando nesta posição o tempo necessário para me aperceber de que não quero estar aqui dentro. Viro-me e inspeciono as camisas que estão agora no fundo do guarda-fatos, até que encontro a cor-de-rosa de mangas compridas. Levanto os olhos para as calças que estão penduradas nos cabides e pego numas pretas plissadas. Atiro-as para o lado e começo a tentar levantar-me do chão, mas

imediatamente me sento quando vejo um diário de capa de couro grossa na prateleira do fundo do guarda-fatos.

Deito-lhe a mão e ponho-o no meu colo, depois recosto-me contra a parede e fico a olhar para a capa. Já vi este diário. Foi uma prenda que o pai lhe deu há cerca de três anos, mas a Less disse-me que nunca o usaria porque sabia que era apenas um pedido feito pelo seu psiquiatra. A Less odiava as sessões no psiquiatra, e nunca percebi porque é que a mãe a encorajava a ir. Fomos ambos durante uns tempos quando a mãe e o pai se separaram, mas eu deixei de ir às sessões quando elas começaram a coincidir com o treino de futebol no ciclo preparatório. A mãe não pareceu importar-se que eu não fosse, mas a Less continuou com as sessões semanais até há dois dias... quando as suas ações indicavam que a terapia não estava exatamente a ajudá-la.

Abro o diário na primeira página e não me surpreende que esteja em branco. Pergunto-me: se ela tivesse usado o diário, como sugeriu o psiquiatra, teriam as coisas sido diferentes?

Tenho dúvidas. Não sei o que é que poderia ter salvado a Less de si própria. De certeza que não era caneta e papel.

Tiro a caneta da lombada em espiral, depois encosto a ponta da caneta no papel e começo a escrever-lhe uma carta. Nem sequer sei porque estou a escrever-lhe. Não sei se está num lugar em que me possa ver neste momento, ou *sequer* se está num lugar, mas para o caso de ela conseguir ver isto... Quero que saiba como a sua decisão egoísta me afetou. Como me deixou sem esperança. *Literalmente* sem esperança. E completamente só. E tão, tão incrivelmente triste.

CAPÍTULO DOIS E MEIO

Less,

Deixaste as tuas calças de ganga no meio do chão do teu quarto. É como se tivesses acabado de as tirar. É estranho. Porque é que havias de deixar as calças no chão se sabias o que te preparavas para fazer? Não haverias de, pelo menos, atirá-las para o cesto da roupa suja? Não pensaste no que aconteceria depois de eu te encontrar e como alguém havia de, a determinada altura, ter de as apanhar e fazer qualquer coisa com elas? Bem, eu não vou apanhá-las. E também não vou pendurar as tuas camisas outra vez.

Seja como for, estou no teu guarda-fatos. No chão. Não sei o que quero dizer-te neste momento, ou o que quero perguntar-te. Claro que a única pergunta que todos têm na cabeça neste momento é «Porque é que ela o fez?» Mas não te vou perguntar porque o fizeste por duas razões:

Não consegues responder-me. Estás morta.

Não sei se quero mesmo saber porque o fizeste. Não há nada na tua vida que te desse um motivo suficientemente bom para fazer o que fizeste. E talvez já o saibas se conseguires ver a mãe neste momento. Está completamente devastada.

Sabes, nunca soube mesmo o que era estar devastado. Achei que estávamos devastados quando perdemos a Hope. O que lhe

aconteceu foi, sem dúvida, trágico para nós, mas o que sentíamos era completamente diferente de como fizeste a mãe sentir-se. Ela está tão incrivelmente devastada; ela dá um significado completamente novo à palavra. Quem me dera que o uso da palavra se pudesse restringir a situações como esta. É absurdo que as pessoas a possam usar para descrever qualquer coisa que não seja o que uma mãe sente quando perde um filho. Porque essa é a única situação no mundo digna do termo.

Porra, tenho tantas saudades tuas. Desculpa ter-te desiludido. Desculpa não ter sido capaz de ver o que se estava a passar por detrás dos teus olhos sempre que me dizias que estavas bem.

Mas sim. Porquê, Less? Porque o fizeste?

H

CAPÍTULO DOIS E TRÊS QUARTOS

Less,

Bem, parabéns. És muito conhecida. Não só encheste o parque de estacionamento do cemitério com carros, como também encheste o parque ao lado e os de ambas as igrejas ao fundo da rua. São muitos carros.

Mas eu contive-me; sobretudo pela mãe. O pai tinha um aspeto quase tão mau como o da mãe. Todo o funeral foi mesmo estranho. Fez-me pensar: se tivesses morrido num acidente de carro ou de qualquer coisa mais normal, teriam as reações das pessoas sido diferentes? Se não tivesses propositadamente tomado uma overdose (é esse o termo que a mãe prefere), então acho que as pessoas teriam tido um comportamento um pouco menos estranho. Era como se tivessem medo de nós, ou pensassem que as overdoses são contagiosas. Discutiam o assunto como se nem sequer estivéssemos na mesma sala. Tantos olhares e sussurros e sorrisos de piedade. Só queria pegar na mãe e tirá-la dali e protegê-la do facto de eu saber que estava a reviver a tua morte com cada abraço e cada lágrima e cada sorriso.

Claro que não pude deixar de pensar que toda a gente estava a agir daquela forma porque de alguma maneira nos acusavam. Eu conseguia perceber o que estavam a pensar.

Como podia uma família não perceber o que ia acontecer?

Como é que puderam ignorar os sinais?

Que tipo de mãe é esta?

Que tipo de irmão não nota como a irmã gémea está deprimida?

Por sorte, quando o teu funeral começou, a atenção de toda a gente passou momentaneamente de nós para os diapositivos que estavam a passar. Havia muitas fotografias de nós os dois. Estavas feliz em todas elas. Havia muitas fotografias tuas com as tuas amigas e também estavas feliz nessas. Fotografias tuas com a mãe e o pai antes do divórcio; fotos tuas com a mãe e o Brian depois de ela se voltar a casar; fotos tuas com o pai e a Pamela depois de ele se voltar a casar.

Mas só na última fotografia que apareceu no ecrã é que dei conta. Era a fotografia de nós os dois em frente da nossa antiga casa. Aquela que foi tirada cerca de seis meses depois de a Hope ter desaparecido. Ainda trazias a pulseira igual à que lhe deste no dia em que ela foi levada. Vi que deixaste de a usar há alguns anos, mas nunca perguntei por ela. Sei que não gostas de falar dela.

Mas, de volta à fotografia. Eu tinha o braço à volta do teu pescoço e estávamos os dois a rir e a sorrir para a máquina fotográfica. É o mesmo sorriso que exhibes em todas as outras fotos. Pôs-me a pensar em como em todas as fotos que já vi de ti tens sempre aquele sorriso. Não há uma única fotografia em que pareças maldisposta. Ou zangada. Ou com uma expressão vaga. É como se tivesses passado toda a tua vida a tentar manter esta falsa aparência. Para quem, não sei. Talvez tivesses medo de que uma máquina fotográfica pudesse, a qualquer momento, captar-te um sentimento sincero.

Porque, vá lá, não estavas sempre feliz. Todas aquelas noites em que adormeceste a chorar, todas aquelas noites em que precisavas que te abraçasse enquanto choravas, mas em que te recusavas a dizer-me o que se passava. Ninguém com um sorriso genuíno choraria sozinha assim. E sei que tinhas problemas, Less. Sabia que a nossa vida e as coisas que nos aconteceram te afetaram de maneira diferente da que me afetou a mim. Mas como havia eu de saber que eram assim tão graves se nunca o deixaste transparecer? Se nunca me disseste?

Talvez... e detesto pensar nisto. Mas talvez eu não te conhecesse. Pensava que sim, mas não te conhecia. Acho que não te

conhecia absolutamente nada. Conhecia a miúda que chorava à noite. Conhecia a rapariga que sorria nas fotos. Mas não conhecia a pessoa que ligava aquele sorriso àquelas lágrimas. Não faço ideia porque exibias sorrisos falsos mas choravas lágrimas reais. Quando um tipo ama uma miúda, especialmente a sua irmã, parte-se do princípio de que ele sabe o que a faz sorrir e o que a faz chorar.

Mas eu não sabia. E não sei. Por isso, desculpa, Less. Lamento tanto ter-te deixado fingir permanentemente que estavas bem quando era óbvio que estavas longe de o estar.

H

— **B**eth, porque não vais para a cama? — diz o Brian à minha mãe. — Estás exausta. Vai dormir um pouco. A minha mãe abana a cabeça e continua a mexer a colher, apesar dos apelos do meu padrasto para ela descansar. Temos comida no frigorífico para alimentar um exército, mas, mesmo assim, ela insiste em cozinhar para toda a gente para não termos de comer a *comida de condolências*, como ela lhe chama. Estou enjoado de frango frito. Parece ser a comida de recurso para quem traz comida cá a casa. Tenho comido frango frito a todas as refeições desde que a Less morreu, e já lá vão quatro dias.

Vou até ao fogão e tiro-lhe a colher das mãos, depois massajo-lhe o ombro com a mão livre enquanto mexo. Encosta-se a mim e suspira. Também não é um suspiro bom. É um suspiro que quase diz: «Para mim acabou.»

— Vai sentar-te no sofá. Eu acabo isto — digo-lhe eu.

Acena com a cabeça e vai sem rumo até à sala de estar. Observo-a da cozinha enquanto se senta e recosta a cabeça no sofá, olhando para o teto. O Brian senta-se ao seu lado e puxa-a para si. Nem preciso de a ouvir para saber que está a chorar outra vez. Vejo-o na maneira como se deixa cair contra ele e lhe agarra a camisa.

Afasto o olhar.

— Talvez devesse vir para nossa casa, Dean — diz o meu pai, encostado ao balcão. — Só durante uns tempos. Pode fazer-te bem afastares-te.

É o único que ainda me chama Dean. Respondo por Holder desde os oito anos, mas o facto de me terem posto o nome dele pode explicar porque não me chama nada que não seja Dean. Só o vejo meia dúzia de vezes por ano, por isso não me incomoda muito que ainda me chame Dean. Mas continuo a detestar o nome.

Olho para ele, depois olho para a minha mãe outra vez, ainda agarrada ao Brian na sala de estar.

— Não posso, pai. Não a posso deixar. Especialmente agora.

Ele tem tentado que eu me mude para Austin desde o divórcio. A verdade é que gosto disto aqui. Não gosto de visitar a minha cidade natal desde que saí de lá. Há demasiadas coisas que me recordam a Hope quando estou lá.

Mas vejo que há demasiadas coisas que me vão começar a recordar a Less, aqui.

— Bem, a minha oferta não expira — diz ele. — Sabes disso. Aceno afirmativamente e apago a boca do fogão.

— Está pronto — digo eu.

O Brian volta para a cozinha com a Pam e sentamo-nos todos à mesa, mas a minha mãe continua na sala de estar, chorando discretamente contra o sofá durante a refeição.

Estou a dizer adeus ao meu pai e à Pam quando a Amy para em frente à nossa casa. Espera que o carro do meu pai saia e depois traz o carro para o acesso à casa. Encaminho-me para a porta do lado do condutor e abro-lha.

Dá-me um meio sorriso e baixa a pala, limpando o rímel debaixo da armação dos óculos de sol. Há mais de uma hora que está escuro mas ela ainda está de óculos de sol. Isso só pode significar que esteve a chorar.

Não tenho falado muito com ela nos últimos quatro dias, mas não preciso de lhe perguntar como se tem estado a aguentar. Há sete anos que ela e a Less eram as melhores amigas. Se há alguém que se sente como eu neste momento é ela. E nem sequer tenho a certeza de me estar a aguentar assim tão bem.

— Onde está o Thomas? — pergunto eu quando ela sai do carro.

Puxa o cabelo loiro para trás com os óculos e ajusta-os no cimo da cabeça.

— Está em casa. Teve de ir ajudar o pai a fazer umas coisas no quintal depois da escola.

Não sei há quanto tempo os dois namoram, mas já estavam juntos antes mesmo de a Less e eu irmos morar para aqui. E viemos para cá no quarto ano, por isso já lá vão uns tempos.

— Como está a tua mãe? — pergunta ela. Assim que acaba de falar, abana a cabeça e pede desculpa. — Desculpa, Holder. É uma pergunta estúpida. Prometi a mim própria que não seria uma dessas pessoas.

— Acredita que não és — sossego-a. Faço um gesto para trás. — Queres entrar?

Acena afirmativamente e olha para a casa, depois para mim.

— Importas-te se eu subir ao quarto dela? Não faz mal se não me quiseres lá em cima ainda. É só que ela tinha umas fotos com que eu gostaria de ficar.

— Não, não faz mal.

Dada a relação que tinha com a Less, a Amy tem o mesmo direito de estar no quarto da Less que eu tenho. Sei que a Less havia de querer que a Amy ficasse com o que quer.

Segue-me para dentro da casa e pelas escadas acima. Noto que a minha mãe já não está no sofá. O Brian deve ter finalmente conseguido que ela fosse para a cama. Chego ao cimo das escadas com a Amy mas não tenho vontade de entrar no quarto da Less com ela. Faço um gesto com a cabeça em direção ao quarto.

— Estou no meu quarto se precisares de mim.

Respira fundo nervosamente e acena com a cabeça enquanto expira.

— Obrigada — diz ela, olhando cautelosamente para a porta da Less. Dá um passo relutante em direção ao quarto e eu viro-me e vou para o meu quarto. Fecho a porta atrás de mim e sento-me na cama, pegando no diário da Less enquanto me encosto à cabeceira. Já lhe escrevi hoje, mas pego numa caneta porque não tenho nada melhor para fazer do que escrever-lhe outra vez. Ou, pelo menos, não há mais nada que eu *queira* fazer, porque todos os pensamentos conduzem sempre a ela.

CAPÍTULO TRÊS E MEIO

Less,

A Amy está cá. Está no teu quarto, a ver as tuas coisas.

Será que ela tinha noção do que tu ias fazer? Sei que às vezes as raparigas partilham coisas com as amigas que não partilhariam com mais ninguém — nem mesmo com os irmãos gémeos. Algum dia lhe disseste como te estavas a sentir? Deste-lhe algum sinal? Espero que não, porque isso significaria que ela agora se estaria a sentir muito culpada. Não merece sentir-se culpada por causa do que tu fizeste, Less. Há sete anos que é a tua melhor amiga, por isso espero que tenhas pensado nisso antes de tomar uma decisão tão egoísta.

Sinto-me culpado pelo que fiz, mas eu mereço sentir-me culpado. Ser irmão acarreta uma responsabilidade que o facto de se ser a melhor amiga não acarreta necessariamente. Era meu dever, não dela, proteger-te. Por isso, ela não merece sentir-se culpada.

Talvez fosse esse o meu problema. Talvez passasse tanto tempo a tentar proteger-te do Grayson que nunca pensei que de quem eu devia mesmo ter-te protegido era de ti própria.

H

* * *

Há uma pancada leve na porta do meu quarto, por isso fecho o diário e coloco-o na mesinha de cabeceira. A Amy abre a porta e endireito-me na cama. Faço-lhe sinal para entrar e ela entra e fecha a porta atrás de si. Dirige-se à minha cómoda e pouasa as fotos que recolheu, passando os dedos pela que está em cima. As lágrimas correm-lhe silenciosamente pela cara abaixo.

— Vem cá — digo eu, estendendo-lhe a mão. Aproxima-se de mim, pega-me na mão e depois vai-se completamente abaixo no momento em que os seus olhos encontram os meus. Continuo a puxá-la para a frente até que está sentada em cima da cama e eu abraço-a. Enrosca-se contra o meu peito e chora descontroladamente. Soluça imenso e é um choro quase devastado; mas como disse antes, *devastado* devia ser reservado às mães.

Fecho os olhos com força e tento não me deixar afetar como a Amy está a ser afetada neste momento, mas é difícil. Consigo conter-me em frente da minha mãe porque ela precisa que eu seja forte por ela. Mas a Amy não. Se a Amy sente o que eu sinto, então ela só precisa de saber que há alguém tão chocado e desolado como ela.

— Calma... — digo eu, afagando-lhe o cabelo. Sei que ela não quer que a console com palavras ocas e gastas. Só precisa de alguém que compreenda como ela se está a sentir e eu devo ser a única pessoa que ela conhece que verdadeiramente o sente. Não lhe digo para tentar deixar de chorar, porque sei que é impossível. Encosto a cara à cabeça dela, embaraçado por agora estar a chorar também. Tenho conseguido conter-me bastante bem, mas agora não consigo mais. Continuo a abraçá-la e ela a mim porque é bom poder encontrar conforto numa situação tão triste e só.

Ouvir a Amy chorar faz-me recordar todas as noites que passei nesta posição com a Less. Não queria que eu falasse com ela ou a ajudasse a deixar de chorar. A Less só precisava que a abraçasse e que a deixasse chorar, mesmo que eu não fizesse ideia da razão por que ela precisava daquilo. Poder estar aqui agora a apoiar a Amy desta maneira, dá-me aquela sensação familiar de precisarem de mim que costumava ter com a Less. Não sinto que precisem de mim desde que a Less decidiu que não precisava de *ninguém*.

— Desculpa — diz a Amy com a voz abafada pela minha camisa.

— Pelo quê?

Respira fundo e tenta deixar de chorar, mas o esforço é perdido com as novas lágrimas que se seguem.

— Eu devia saber, Holder. Não fazia ideia nenhuma. Eu era a melhor amiga dela e sinto que toda a gente me culpa e... não sei. Talvez tenham razão. Não sei. Talvez estivesse tão envolvida na minha relação com o Thomas que me tenha escapado qualquer coisa que ela estivesse a tentar dizer-me.

Continuo a passar-lhe a mão pelo cabelo, solidarizando-me com cada palavra que sai da sua boca.

— Tu e eu — suspiro. Seco os olhos com as costas da mão. — Sabes, tento isolar momentos que podiam ter mudado o que aconteceu. Coisas que eu lhe podia ter dito ou coisas que ela me podia ter dito a mim. Mas mesmo que conseguisse voltar atrás e mudar alguma coisa no passado, não tenho a certeza de que pudesse ter mudado o resultado. Tu também não sabes. A Less é a única pessoa que sabe, de certeza, porque foi em frente e infelizmente é a única que não está cá para nos esclarecer.

A Amy solta um risinho embora não tenha a certeza da razão. Afasta-se devagar e olha-me com uma expressão solene.

— Ela que se dê por feliz por não estar aqui, porque estou tão zangada com ela, Holder... — A sua tristeza dá lugar a outro soluço e leva a mão aos olhos. — Estou tão, tão zangada com ela por não confiar em mim e sinto que não posso dizer isto a ninguém senão a ti — sussurra ela.

Tiro-lhe a mão da cara e olho-a nos olhos, porque não quero que ela sinta que a estou a julgar por causa desse comentário.

— Não te sintas culpada, Amy. Está bem?

Acena e sorri com um sorriso compreensivo, depois baixa os olhos para as nossas mãos pousadas na almofada entre nós. Ponho a mão em cima da dela e afago-lha tranquilizadamente com os dedos. Sei como se sente e ela sabe como eu me sinto e é bom ter isso, mesmo que seja só por uns instantes.

Quero agradecer-lhe por ter estado lá para apoiar a Less todos estes anos, mas parece tão pouco apropriado agradecer-lhe por estar lá quando ela está a sentir exatamente o contrário neste momento. Então, fico calado e levo a minha mão à cara dela. Não sei se é a importância do momento ou o facto de ela me ter feito sentir algo necessário outra vez, ou se é simplesmente porque a minha

cabeça e o meu coração estão entorpecidos há tantos dias. Seja o que for, a sensação está aqui e não a quero deixar escapar ainda. Deixo-a tomar conta da situação completamente, enquanto me inclino com lentidão para a frente e encosto a minha boca à dela.

Não tinha intenção de a beijar. De facto, espero afastar-me a qualquer momento, mas não o faço. Espero que ela me empurre, mas não empurra. No momento em que a minha boca encontra a dela, ela abre os lábios e suspira como se fosse isto exatamente o que ela precisava de mim. Estranhamente, isso faz-me querer beijá-la ainda mais. Beijo-a, sabendo que ela é a melhor amiga da minha irmã. Beijo-a, sabendo que tem namorado. Beijo-a, sabendo que isto não é uma coisa que fizesse com ela em qualquer outra circunstância que não fosse este momento.

Ela desliza a mão pelo meu braço acima e mete o dedo na manga da minha camisa, acompanhando suavemente os contornos dos músculos do meu braço. Puxo-a para mim e mais para o meio da cama e aprofundo o nosso beijo. Quanto mais nos beijamos, mais reconhecemos ambos que o desejo e a necessidade são a única coisa que pode minimizar a dor. Ficamos simultaneamente mais impacientes, fazendo tudo o que podemos para nos livrarmos da dor por completo. Cada passagem da sua mão na minha pele impele-me para mais longe da minha mente e mais para dentro deste momento com ela, por isso beijo-a mais desesperadamente, precisando que ela leve a minha mente para longe da minha vida neste momento. A minha mão introduz-se sob a sua camisa e no momento em que lhe toco o seio, ela geme e enterra as unhas no meu braço, arqueando as costas.

É uma pista para um *sim* que não deixa margem para dúvidas.

Só tenho duas coisas no pensamento quando ela começa a tirar-me a camisa e as minhas mãos estão ansiosamente a mexer-lhe no fecho das calças de ganga.

Preciso de lhe tirar esta roupa.

Thomas.

Normalmente não tenho o hábito de pensar noutros rapazes quando vou para a cama com uma miúda, mas normalmente não vou para a cama com as miúdas de outros rapazes. A Amy não é minha para eu a beijar, mas estou a fazê-lo apesar disso. A sua

roupa não é minha para a estar a ajudar a despi-la, mas estou a fazê-lo apesar disso. Eu não devia estar a meter a mão dentro das cuequinhas dela, mas estou a fazê-lo apesar disso.

Afasto-me da sua boca quando a toco e a observo a gemer e a enterrar a cabeça para trás na almofada. Continuo a fazer o que lhe estou a fazer com uma mão enquanto me estico por cima da cama e tiro um preservativo da gaveta com a outra. Abro-o com os dentes, observando-a atentamente o tempo todo. Sei que nenhum dos dois está no estado de espírito certo neste momento, senão isto não estaria a acontecer. Independentemente de estarmos no estado de espírito certo ou não, pelo menos estamos no *mesmo* estado de espírito. Espero que estejamos, pelo menos.

Sei como está incrível e completamente errado perguntar a uma miúda acerca do namorado quando está a trinta segundos de se esquecer completamente dele, mas tenho de o fazer. Não quero que ela se arrependa disto ainda mais do que já vai acontecer. Do que vai acontecer a ambos.

— Amy? — sussurro. — E o Thomas?

Sai-lhe um leve queixume da boca e continua com os olhos fechados, encostando as palmas das mãos ao meu peito.

— Ele está na casa dele — murmura ela, não dando a entender que o facto de mencionar o nome dele a faça querer parar com o que estamos a fazer. — Teve de ir ajudar o pai com umas coisas no quintal depois da escola.

A sua repetição exata da resposta que me deu quando lhe perguntei por ele ao chegar a casa faz-me rir. Abre os olhos e olha para cima, para mim, provavelmente confusa com a razão por que me havia de rir numa altura destas. Mas apenas sorri. Fico contente por ela ter sorrido, porque estou mesmo farto das lágrimas de toda a gente. Estou tão cansado de todas as lágrimas.

E *merda*. Se ela não se sente culpada neste instante, então eu seguramente não me vou sentir culpado. Podemos arrependermos o que quisermos mais tarde.

Baixo a minha boca para a dela no momento exato em que ela respira fundo e depois geme alto, esquecendo completa e incondicionalmente o seu namorado. Cada bocadinho da sua atenção está cem por cento centrado no movimento da minha mão, e cada bocadinho da minha atenção está cem por cento centrado em pôr este preservativo antes que ela comece a pensar no namorado outra vez.

Acalmo-me em cima dela, com a minha boca de volta à dela, acalmo-me dentro dela, e aproveito-me completamente da situação sabendo o quanto me vou arrepender mais tarde. Sabendo o quanto *já* me arrependo.

Mas cá estou eu, a fazê-lo apesar de tudo.

Ela está vestida e sentada na beira da minha cama, calçando os sapatos. Já vesti as minhas calças de ganga e encaminho-me para a porta do quarto, sem saber bem o que dizer. Não faço a mínima ideia de como ou porque é que aquilo aconteceu, e pela expressão da sua cara, ela também não. Põe-se de pé e encaminha-se para a porta, pegando nas fotos que tirou do quarto da Less quando passa pela cómoda. Abro-lhe a porta, sem saber se devo segui-la para fora ou despedir-me dela com um beijo ou dizer-lhe que lhe telefono.

Mas que raio é que eu fui fazer?

Ela vai para o corredor, para e depois vira-se para mim. Não estabelece contacto visual, contudo. Apenas olha fixamente para as fotografias que tem na mão.

— Só vim buscar as fotos, está bem? — pergunta cautelosamente. Uma expressão preocupada consome-lhe a cara e percebo que ela tem medo que eu possa pensar que o que aconteceu entre nós foi mais do que o que foi na realidade.

Quero tranquilizá-la de que não vou dizer nada. Levanto-lhe o queixo para que me olhe nos olhos e sorrio para ela.

— Tu vieste buscar fotografias. É só isso, Amy. E o Thomas está em casa a ajudar o pai no trabalho do quintal.

Ri-se, se é que se lhe pode chamar isso, depois olha para mim agradecida. Há um silêncio estranho por instantes antes de finalmente se rir outra vez.

— Mas que é que foi aquilo? — diz ela apontando em direção ao meu quarto. — Não somos nós, Holder. Não somos esse tipo de pessoa.

Não somos esse tipo de pessoa. Concordo. Encosto a cabeça à ombreira da porta e já sinto o arrependimento a instalar-se. Não sei o que me deu ou porque é que o facto de ela não ser minha não me fez parar. A única explicação que encontro é que o que quer que seja que aconteceu entre nós há pouco foi produto direto da nossa dor. E a nossa dor é produto direto da decisão egoísta da Less.

— Vamos pôr as culpas na Less — digo eu meio a brincar.
— Isto não teria acontecido se ela estivesse aqui.

A Amy sorri.

— Pois — diz ela fechando os olhos a brincar. — Que cabra, levar-nos a fazer uma coisa desprezível como aquela. Como se atreve?!
Rio-me.

— Certo?

E mostra as fotografias que tem na mão.

— Obrigada por... — Olha para as fotos, para por instantes e vira os olhos novamente para os meus. — Só... obrigada, Holder. Por me ouvires.

Recebo o seu agradecimento com um aceno e observo enquanto ela se vira para descer as escadas. Fecho a porta e volto para a cama. Pego no diário pelo caminho. Abro-o na carta que interrompi antes de a Amy entrar no meu quarto uma hora antes.

Por vezes, para seguirmos em frente, temos de enfrentar o passado.

Holder é um adolescente em busca da sua melhor amiga, Hope, a quem voltou costas um dia, há treze anos. O mesmo dia em que ela foi raptada e levada para sempre. Quando uma tragédia envolve a irmã gémea de Holder, Less, a necessidade de encontrar Hope torna-se mais forte do que nunca. Holder sente-se diariamente perseguido por fortes sentimentos de culpa, e os remorsos que sente por não ter conseguido ajudar nem a sua irmã, nem Hope, são devastadores.

Quando um dia, inesperadamente, se cruza com uma rapariga que se parece com Hope, Holder vai fazer tudo para se aproximar dela a fim de reencontrar a paz de que tanto necessita. Mas porque insiste Hope em dizer que se chama Sky e que não o conhece? E, por outro lado, porque sente Holder que esta rapariga, que o rejeita e se tenta afastar, precisa tanto dele quanto ele precisa dela?

Uma Nova Esperança (Hope) narra pela voz de Holder um reencontro que trará memórias há muito esquecidas e que revelará verdades que poderão doer demasiado. Para alcançarem a paz e a felicidade, Holder e Hope terão de encarar a mais dolorosa e íntima das memórias. Conseguirão ambos traçar um caminho juntos após desenterrarem um passado tão difícil? E será o amor de Hope a chave para uma nova esperança na vida de Holder?

«Colleen Hoover é uma das vozes mais vigorosas
da ficção para jovens adultos.»

Kirkus Reviews

«Três definições: cativante, comovente, belo.»

Caffeinated Book Reviewer



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-31-2



9 789898 800312

Ficção romântica